

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 24 de Julho de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1001 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AINDA O NÚMERO MIL

Por excesso de material não foi possível publicar quanto recebemos expressamente para o número mil. Apesar de tudo, procurámos meter o Rossio na Betesga...!

Aí está a preciosa colaboração do Padre Acílio, de Setúbal; do Padre Manuel António, de Benguela; e do Tonito, Guido e Carlitos, de Miranda do Corvo, que seriam — repetimos — «para o milésimo número de O GAIATO». Não perdem actualidade! Até porque escrever para o «Famoso» é um acto intemporal, espiritual, na verdadeira acepção da palavra.

Estando com as mãos na massa, aproveitamos a oportunidade para agradecer as simpáticas referências ao número mil, de O GAIATO, publicadas nos meios de comunicação social do País; bem assim de todos os estimados leitores, cujo estímulo e pujança espiritual se mantêm inalteráveis desde a primeira hora!

se dirigem para o Absoluto.

A Pobreza que O GAIATO me apontou foi não só de um desprendimento de tudo o que é vão e terreno mas, ainda mais, o despojar pleno das energias numa imolação pela redenção natural e sobrenatural dos pobres e, por estes, dos ricos também.

Se a Pobreza nos coloca ao serviço dos economicamente mais desprotegidos e a ser sempre por eles, o objectivo testemunhal que daí resulta atinge também os ricos e poderosos. Ela é o argumento irrefutável da Fé num Deus Eterno e Absoluto e a prova mais eficaz da Esperança na Comunhão Perpétua.

Hoje, que a gula insaciável do dinheiro domina tanta gente, mesmo dita cristã — e este

acabou por ser para o homem moderno um valor absoluto a conquistar e a preservar mesmo à custa de outros — a Pobreza brilha como o ralar da aurora plena de certezas espirituais após uma interminável noite de trevas onde a matéria falazmente quis ser luz.

A Pobreza gera a completa confiança no Pai. Não põe de parte as providências terrenas possíveis, mas põe-nas também em secundaríssimo lugar comparadas com a experiência do amor de Deus, mesmo no meio da penúria, das dores, da doença, da solidão ou da velhice. O conforto da Face Divina e a posse da Sua Força são a ansia permanente de quem é pobre.

Padre Acílio

Um sonho de Pai Américo que se tornou realidade, sete anos após sua partida para o seio do Pai Celeste. Deste modo, a Obra da Rua estendia seus ramos sobre África e fundava duas Aldeias — Casas do Galato — em Angola.

Não é fácil fazer a história destas fundações. O mais importante faz parte do património vivencial dos que mais de perto viveram o nascimento e crescimento destas comunidades.

Geradas, primeiro, no coração de Pai Américo, nasceram, depois, no coração de seus continuadores e vieram à luz do dia, no tempo oportuno. São assim as Obras de Deus: constroem-se no coração e só depois vêm à luz.

Centenas de rapazes encontraram nelas o ninho maternal que os criou e fez deles homens dignos, agora património precioso da nação angolana.

Desde o primeiro momento da chegada, sentimos o calor humano das pessoas. Para muitas não era uma novidade. Já conheciam a Obra da Rua, através do jornal O GAIATO, o mensageiro que, muitos anos antes, chegava a Angola, anunciando a boa-nova da Obra da Rua, falava da sua vida e, por

Cont. na 4.ª página

SETÚBAL

Ao dar a minha colaboração (que seria) para o número milésimo de O GAIATO, queria prestar-lhe a minha homenagem como veículo da interioridade da Obra que me apaixonou e arrastou.

Quando ainda jovem, deliciava-me o «pregão» de «colh'O GAIATO», na Baixa Coimbrã, lançado entusiasticamente pelos rapazes daquela época, falando do Pai Américo que subia, já alto, os degraus da celebridade nacional.

O GAIATO passou a ser devorado por mim de fio a pavio, logo que o vendedor chegava ao meu quarto do Seminário, a encher-me de certezas nas verdades do Evangelho quando levadas à prática, a animar-me o ideal jovem e fogoso de proclamar Cristo como Força e Esperança do Homem por meio da Pobreza e do serviço dos mais pobres.

A Pobreza — como o melhor veículo da mensagem cristã — aparecia-me em O GAIATO concretizada, vivificante e sedutora.

Pobreza não é só nada ter, não ser dono de nada, viver ao nível dos mais pobres, sofrer com eles uma situação de injustiça social, deixar tudo na vida e dar a própria vida por eles; é, sobretudo, desejar ardente e persistentemente nada ser e chegar à plena convicção desta certeza sem sofismas de qualquer espécie.

«Bem aventurados os Pobres, porque é deles o Reino dos

Céus» — proclamou Jesus pela Sua experiência vital. É Ele o Pobre por excelência, o Modelo inesgotável de todos os tempos.

De facto só os Pobres poderão alcançar aqui, na terra, o nível do Reino Celeste. Só os que nada têm e nada são, podem impregnar-se da Alegria e da Força do Espírito para saborearem a possível posse do Deus da Vida. O seu coração está livre e liberto e toda a ambição natural e sobrenatural

ÁFRICA

Novembro de 1963. No dia 2, saímos de Lisboa, no «Rita Maria» rumo a Angola. Quase 19 anos são cumpridos. Formávamos dois grupos, cada um com seu destino: Malanje, no planalto do Nordeste angolano

e Benguela, no litoral centro-sul. Vinte e dois rapazes, um casal, uma senhora e três padres — P.e Carlos, P.e Telmo e P.e Manuel António — aportávamos em Luanda, a capital, a 14 de Novembro de 1963.



Correspondência de Família

«Montreal, 5/6/82

Quer vocês se lembrem de mim ou não, o importante é o que segue em baixo.

Envio um cheque para a minha assinatura de O GAIATO que, segundo creio, deve estar atrasada.

O Padre Carlos falou-me que num dos próximos números de O GAIATO seria publicada a fotografia da minha filha. Quero, portanto, pedir o favor de me enviarem cinco jornais dessa edição, se isso não causar transtorno no serviço de expedição.

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ela tem, ainda, uma pequena poupança de atrasados da miséria pensão de sobrevivência por morte do marido. Até ao fim, o tempo que demorou a organização e deferimento do processo de pensão!...

Aquela reserva, porém, com a exigua mensalidade já não dariam para manter decentemente a família durante meio ano. São quatro bocas à espera de pão!

Por isso, e porque a Viúva não pode suportar trabalhos duros, ela procura, agora, um ganha-pão digno — no mercado de trabalho — para manter vida limpa e criar os filhos só pela sua mão.

O respeito que deveriam merecer estas Mulheres fortes — em nosso País — face a um mundo tão corrompido...! Só leis, não chega. Seria construir sem argamassa. Seriam leis caducas..., por natureza.

— Há uma vizinha que trabalha, em casa, para uma fábrica de confecções. Ganha mais de 400\$00 por dia! Seu pudesse aprender a coser à máquina, compraria uma das mais modernas para dar despacho...

— Veja se consegue aprender. Primeiro, saber; depois, comprar...

— É isso mesmo! Tenho medo, muito medo, de gastar tudo... A vida está cada vez mais cara... Tudo a subir... Preciso de ter sempre alguma cousinha prós dias maus: uma doença..., sei lá!

No meio rural, como é óbvio, ainda não se esvaiu, completamente, o sentido de poupança entre os Pobres, nesta decrepita sociedade de consumo!

Por fim, a Viúva suspira d'alívio: — Vou pensar melhor! Primeiro, aprender; depois...

— Depois se verá...

E lá foi para junto dos seus, mais serena. E nós cá ficamos, na recta-guarda, para o que der e vier.

● Estamos em maré de Caixas! Só hoje, depois de escritas as notas que aí vão, tratámos de mais dois problemas!

Primeiro: o abono de família para mãe solteira com pequenino rancho de filhos.

— Ajudem-me nestes papéis... Não sei o q'eles querem...

— Não sabe ler?

— Alguma cousa; pouco...

— E escrever?

— Faço o meu nome.

Não vamos atirar pedras... Refletir, sim, apesar de tudo, em como esta mulher depois da fraqueza revela fortaleza.

Não destrói os filhos. Não os lança em canos de esgoto. Não os abandona na via pública, nem os leva para o internato nem os transacciona... como mercadoria. Cuida deles com amor de Mãe. Por isso, trabalha a terra de sol a sol. Tem calos nas mãos ambas. Saia de roda. Socas. Lengo na cabeça. Arcadas. Face queimada. É mulher do campo!

Outro caso: São dois pequenos órfãos. Depois do falecimento do pai, a mãe junta-se a outro homem. Sofre..., até, por fim, morte *contra-natura*. Não vamos mais além! As crianças são entregues aos avós. E nós botamos a mão só quando é preciso.

Oportunamente, organizámos o processo de pensão de sobrevivência, pelo lado do pai. Todavia, com a morte da mãe, a passagem da tutela traz complicações burocráticas. Num País onde a Família tivesse já um lugar ao sol, mal se daria fé da mudança... Velha história de leis e regulamentos que actúan ao retardador. Meses decorridos, a solução do caso está na recta final. Já não é sem tempo!

Entretanto, no meio destas andan-

ças — de Anás para Caifás — descobrimos que a mãe dos pequenos, enquanto andou por lá, trabalhara numa importante unidade fabril. Feita a busca documental, os avós conseguiram o respectivo cartão de beneficiária. Abordámos então a CNP:

— Os avós podem requerer outra pensão...? Não colidirá com as novas disposições sobre duplicações?

— Sim, podem requerer; *excepto outro abono de família*.

Vamos para a frente! (Primeiro, justiça...)

PARTILHA — Um «pequeno donativo» do assinante 1174, «em cumprimento de um voto que tenho interrompido um pouco» — sublinha na carta. Cheque, de Espinho, «para ajudarem quem mais necessitar». 2.000\$00 de casal tripeiro «para aquilo que for mais necessário». A Caridade bem ordenada é assim mesmo! Helena, de Oeiras, 100\$00. «com a alma cheia de alegria por poder mandar mesmo pouco». Rua Silva e Albuquerque, Lisboa, 2.600\$00 em vale de correio. De visita, Amiga da capital do norte deixa 250\$00. O casal-assinante 17022 segue com 200\$00. Dez rands de Durban (África do Sul), «por alma de minha querida Mãe. Não agradeçam a oferta. As estampilhas são tão caras e esta importância, com mais algumas migalhas, sempre ajuda a comprar mais uma telha» Da Guarda, cheque pesado de um sacerdote que aparece muitas vezes, agora «para alguma necessidade mais urgente, louvando a Deus por todo o bem feito em Seu Nome». Um discípulo do Mestre! Rua Esperança do Cardal, Lisboa, vale de correio para o soldado da paz. Outro, de Santarém, 200\$00. Mais outro, de Almada, 1.500\$00. «Pequeno donativo», de Pedras Rubras, «para os velhinhos socorridos pela vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, sufragando a alma de meus queridos Pais». Assinante 31104 motivou «pessoa amiga» para um caso apontado nesta coluna e, sob anonimato, manda 3.000\$00. Aí está o mérito! Ponte do Gove (Baião), 500\$00 «em acção de graças. É uma quantia pequenina, mas, se Deus me der vida e alguma saúde» — acentua — «não será a última vez». Promessas cumpridas religiosamente! Amiga da capital, 500\$00. Vila Nova da Cerqueira, vale do correio de 3.000\$00, «amigalhinha para a Conferência».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

escreverem uma crónica para O GAIATO. Nem a ferros temos conseguido! Os senhores insistam com eles para ver se a coisa pega.

NINHOS — É época deles. O pior está para dizer: Com os ditos, há sempre pernas e braços partidos, cabeças rachadas, além da zaragata que fazem na disputa dos ninhos que vão descobrindo. Eu sou contra o roubo dos pássaros, compensado por os ver a eles, rapazes, tratá-los com amor. No Lar já vi três gaios em gaiola. Pardais a andar de mão em mão, nem se fala! Pode haver quem comeste. Eu gozo por isto tudo, menos com as pernas e braços partidos.

TRABALHO — Na frente da nossa Casa existem tileiras. Tem sido um regalo saborear o cheiro das flores. Pois tudo tem sua época. É altura da colheita. Uns — mais velhos — andam em cima das árvores, enquanto os «Batafas» apanham as flores uma a uma. Que bom quando tudo se colhe a tempo e horas!...

GABRIEL — Eu já aqui falei dele. Pois agora torno a falar. É dos que chegaram à inspecção militar e foram reprovados nos testes por via da sua incapacidade. Ele é dos pedreiros e quando quer já faz alguma coisa. Aqui há uns tempos recusou-se a trabalhar, pelo que teve de ir arranjar vida. Foi, andou por lá uns tempos, e veio pedir pra ficar «porque a mãe não o quer em casa».

Já não é a primeira vez que isto acontece... Há coisas que desejaríamos que ele tivesse também. Mas não. Faz parte dum grupo cujas faculdades não alcançam essas coisas. Eles próprios sentem a necessidade de ir para outra vida, mas «a minha mãe não me quer em casa». Com todos os seus inconvenientes, ele mais outros continuam cá. Até quando, não sei dizer. Não têm família!

PRIMEIRA COMUNHÃO — Houve festa rija cá em Casa. Foi a primeira Comunhão. Oito tiveram que ser baptizados, marcados com o sinal da Fé. Entraram para uma grande Comunidade que é a Família Cristã. Nós nunca chegamos a saber nada dos talentos que o Pai do Céu dá a cada um. Sabemos, isso sim, que a todos Ele quer ter como filhos.

Se a vida material preocupa os nossos Padres, a espiritual deve ser o farol daquela. Fazer homens implica o labor no aspecto espiritual para que a vida material tenha a força necessária para as contrariedades. Festa grande!... O espírito deita cá para fora a alegria que a Graça dá. À tarde foram todos dar um passeio até à Quinta do Anjo. Trouxeram coisas: um carneiro que mais parece um touro; ovelhas e coelhos e não sei que mais. Vinham radiantes. Não era para menos!

Vestidos de branco, eles pareciam as pombas da paz que pregamos nas nossas Festas. Ficaram marcados, a Família do Pai do Céu mais enriquecida. Nós também, pela possibilidade de lhes darmos o que eles precisavam. Eu gosto muito destas festas interiores! Quem me dera saber exteriorizar o que se sente. Obrigado por tudo ao Pai do Céu, mais a quem, às escondidas, catequizou os nossos rapazes.

A RUA — Aqui há tempos, a mãe



Carla, Nuno e Beta, filhos do Laurindo, profissional das Artes Gráficas, em Lanego.

veio buscar três filhos que nos estavam entregues. Ontem, olhei e vi dois deles misturados com os outros. Perguntei e soube: Os dois mais novos, os mais atrasados, tinham regressado. O mais esperto e mais velho tinha ficado com o pai...

Assim como vieram assim foram. Poucos dias suportaram a nossa vida. A rua chamava-os. E foram. Fugiram. Todos sujos, com rosto a adivinhar fome, voltaram pela mão dum irmão mais velho que suplicou para que tomassem a ficar. Não; para bem dos que cá estão, recusámos. E lá foi o Ricardo mais o Miguel para a rua. «A minha mãe não me quer em casa.» «A minha mãe não me pode ter.» «A minha mãe não sabe ter-me.» E nós preocupados! E nós revoltados por todas estas negações. Não sei como estão organizadas as instituições de Assistência à Família. Dantes, corria para lá muitas vezes por via de internar um doente pulmonar. Só via burocracias. Como será hoje? Estarão em gabinetes ou já calçaram as sandálias e vieram para a rua? Desejamos que sim. Desejamos que saiam ao encontro destas famílias e as incentivem e estimulem. Não há uma sociedade capaz, enquanto houver famílias atrofiadas. Educar as famílias mais carecidas! Elas são o cerne da sociedade. Quando falta a resina no pinheiro, a árvore enfraquece e o bicho entra por lá dentro com mais facilidade. Falta-lhe a seiva. Na sociedade é assim: As famílias destroçadas são a decadência...

UM IMPREVISTO — No domingo passado um dos nossos já arrumados na vida, veio matar saudades. Veio com a mulher e o filho. Enquanto assistiam à celebração da Missa, aconteceu um imprevisto: A mu-



Luis António Morais e Maria de Fátima pousam sobre o túmulo de Pai Américo um ramo de flores, após o casamento na capela da nossa Aldeia em Paço de Sousa.

Setúbal

VISITAS — Não têm sido muitas. Não sabemos se é falta de sinalização nas estradas, se os Amigos nos esquecem. Para aviso, além das placas que sinalizam a nossa Casa, seguem a estrada de Algeruz.

Ontem tivemos excursão. Foram os nossos Amigos de Arrentela. Já não é a primeira vez que se organizam e vêm conviver connosco. Que bom! Vivam os arrentelenses!

VENDEDORES — Não me cabe a mim falar deles senão para dizer que tem sido difícil a alguns deles



JANELA ABERTA

● É do domínio público: somos um País com um déficit habitacional que ultrapassa os 700 mil fogos, aventando-se a hipótese de já não andar longe de 800 mil!

A nível europeu estamos muito atrasados neste sector! E as populações mais pobres são, naturalmente, as que mais sofrem.

Em recente colóquio sobre a Indústria da Construção foi divulgado um indicador que sublinha o nosso atraso nos domínios da Habitação: Portugal constrói uma moradia por mil habitantes, enquanto a Grécia levanta 17 por mil habitantes!

O problema, não há dúvida, tende a agravar-se de ano para

ano. E não pode estar à mercê de impasses, de restrições, que a falta de moradias — toda a gente sabe — abrange o País inteiro, da orla marítima às mais recônditas zonas do interior.

Topamos dolorosos calvários no meio rural — tão marginalizado — muito idênticos aos dos centros urbanos: os jovens casais, sem perspectivas de um ninho a curto ou médio prazos, amontoam-se nas casas paternas com todo o corolário de frustrações... Ou ficariam ao relento, em barracas improvisadas...! O panorama seria mais desolador se as Famílias do meio rural não reagissem, pelo seu próprio esforço, atenuando o rol de carências dos últimos decénios.

Segundo nos é dado ler, na Imprensa, «o sistema de crédito oficial actualmente em vigor (amortizações progressivas) deverá funcionar até ao final deste ano». Boa notícia para os Auto-construtores! «Em contrapartida, a entrada em funcionamento efectivo do sistema poupança-habitação não é para já.» E terão sido dadas «instruções aos Bancos no sentido de estes processarem com maior rapidez os pagamentos referentes às obras que estão a financiar, eliminando os atrasos que se estavam a sentir», cujas dificuldades para a Auto-construção já havíamos referido, oportunamente, em O GAIATO.

Ainda pelo que diz a Imprensa, haverá instruções oficiais «no sentido de as três instituições especiais de crédito aceitarem um volume de pedidos de empréstimo igual ao do ano passado». Todavia, para já, «nada parece estar definido quanto ao montante global dos financiamentos a conceder».

Medidas pontuais — como agora se diz, nos chavões da moda. Quando sair esta nota já poderão ser outras...!

Enfim, quando terá o País um plano concreto — sem altos

«PÃO DOS POBRES»

Já transmitimos o primeiro recado. E voltamos a repeti-lo, especialmente aos novos leitores do «Famoso» que desconhecem os livros da autoria de Pai Américo; e outros, lançados pela nossa Editorial — ao vosso dispor.

Em consequência da vida agitada dos nossos dias, é só nesta época de férias que muito boa gente pára... e reserva um naco de tempo para ler qualquer obra. Por isso, recomendamos aos nossos Amigos a 4.ª edição do 2.º volume do **Pão dos Pobres**, ainda a cheirar a tinta. O 3.º volume não tardará...

Num estilo muito peculiar, Pai Américo alinhava no **Pão dos Pobres** — composto de três volumes — o seu diário de Recoveiro deles, já ocupado nas Colónias de Férias do Garoto da Baixa, de Coimbra (primeiras colónias de monta-

nha em nosso País), qual fermento da Obra da Rua, das Casas do Gaiato.

«O segundo volume do Pão dos Pobres sendo, como o primeiro, obra de intuição e de amor, há-de necessariamente ter a mesma sorte e num instante ser queimado — porque tu mesmo te queimas, ao olhares prò que ele diz» — afirma Pai Américo. E acrescenta: «Quantas vezes não faço eu estas notas de semana rentinho à cama onde sofrem. Por isso te feres nas letras e vens acusar a tua presença, no lugar onde eu estiver. Sim; há-de ser o teu livro de horas.

Será dedicado ao Pobre; ao Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião dos Famintos e dos Esfomeados, por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das velas (como deu!...) para melhor servir e mais perfeitamente os amar.

Chama-se Pão dos Pobres, o que vais saborear. Não tem prefácio. Eu podia ir ter com um senhor grande e falado, a pedir os dizeres do estilo; mas não. O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem.»

Por fim, esclarecemos os leitores que tomámos a liberdade de não remeter, desta vez, o 2.º volume do **Pão dos Pobres**, por nossa conta, aos assinantes da nossa Editorial. Apenas a quem o solicitar, por carta ou postal, à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel. Fernando Dias mai-lo seu grupo estão a postos e despacham os pedidos na volta do correio. Não falham!

Ernesto Pinto

Júlio Mendes

e baixos — que atenda eficazmente, também, o caso específico do Auto-construtor no meio rural? Seria uma forma de atenuar assimetrias — e migrações internas...

poliomielite, tuberculose e tosse convulsa.

A malária mata, anualmente, um milhão de crianças do Terceiro Mundo e afecta uma em cada três das restantes.

Por outro lado, as zonas desérticas continuam a aumentar e a engolir tão amplas extensões de terreno que o «avanço do deserto» ameaça as vidas de 700 milhões de pessoas.

A acrescentar à acção da Natureza, a mão do homem e o seu desrespeito pelo meio ambiente também provocam estragos tais que quase destruíram todas as perspectivas futuras de uma existência risonha ao cimo da Terra.»

O relatório — cheio de más notícias para os habitantes do Globo — afirma, ainda, que

Cont. na 4.ª pág.



As populações mais pobres são as que mais sofrem!

Partilhando

● Ontem fui, de novo, aos Carvalhos (Vila Nova de Gaia), levar um maço de jornais nossos, devolvidos pelos CTT por causa de alterações de endereços. Isto vem acontecendo com frequência!

Os nossos Amigos — assinantes de O GAIATO — sejam dos Carvalhos ou doutras bandas, evitariam maçadas e despesas para todos se comunicassem, prontamente, a mudança ou actualização dos seus endereços: (novo) nome da rua, número da residência, etc.

Desta vez tocou, também, a Padre Barros o incómodo de ir saber o que se passa. Mais uma oferta dele... Os Amigos são para as ocasiões! Entretanto, aproveita a ocasião para me falar de alguns casos de rapazes cuja família (pai e mãe) é pobre ou miserável. Partilhámos a mesma opinião: Se há pobreza, a comunidade cristã tem uma palavra importante a dar, deve ser responsabilizada na solução destes casos — evitando, sempre, a separação da criança da própria família. Haja voz que motive, com Fé! Os cristãos não são indiferentes. E ai daqueles que o são!... Se a miséria é problema, é-o também da gran-

de comunidade de que todos fazemos parte! Se é dos pais — as mais comuns são o álcool e a prostituição — a quem cabe deitar a mão, em primeiro lugar, senão ao mais próximo dos Próximos? E se os filhos reflectem a miséria em deficiências físicas ou mentais? A nossa Casa, em si, não é solução para eles, mas outras instituições. Nós somos uma comunidade para os sem-família — normais.

● Um dos nossos chefes veio falar comigo pedindo ajuda, não para si mas para alguns colegas, trabalhadores mais velhos, ainda a viver conosco.

Ele é mais novo do que eles. Porém, a missão de cuidar dos outros não olha à idade, mas à responsabilidade. Daí a dor de quem sofre — que alguns não estimam as coisas da Casa e a própria Casa como coisa deles. Os problemas que isso traz a uma grande Família bem cheia de limitações!...

As preocupações deste chefe são como a brisa fresca em dia de verões quentes... Quem é que não aprecia!?

● O «Malmequer» fugiu. Voltou passados três dias, pela mão de uns familiares.

Fugiu, só de pensar que seria castigado por umas fugas ao seu dever. E desculpou-se perante os familiares, assim: «Os chefes, lá, perseguem-me como a um coelho.»

Bom, realmente, o seu chefe — o Alexandre — tinha a mania de pedir uma arma de pressão e caçar pardais. Até isso lhe proibimos, quanto mais a caça ao Homem!... Meu Deus!

«Colegas seus, embora chefes, chamaram-no a atenção, duas, três vezes. Não quis ouvir! Então, afirmaram: «Vamos dizer ao sr. Padre...» Ai, ele fugiu. Não aceitou o conselho fraterno! «Perseguem-me como a um coelho...»

Ai de ti, «Malmequer», se hoje — com 17 anos — não te diz nada a voz amiga dos teus colegas! Amanhã, quem ouvirás tu?

Da tua família ouvistes — como eu ouvi — «não te queremos». De nós, um «queremos-te»... De ti, queremos apenas a opção... bem feita!

Padre Moura

Ainda o número mil

Cont. da 1.ª página

ele, entravam em comunhão e a acompanhavam desde o seu nascimento em Portugal. Para outras era novidade que, depressa, gerou entusiasmo e ajuda.

A Obra da Rua apareceu pobre, como pobre havia nascido. Apresentou-se «sem ouro nem prata» para servir os Pobres, os mais pobres, na pessoa dos rapazes sem família. Anunciava a Justiça, pregava o Amor, denunciava injustiças. Era um baluarte de Esperança. Falava por si mesma. Crescia, ao mesmo tempo que ia penetrando com seu testemunho vivo na vida das pessoas de boa vontade, gerando inquietação saudável. Crentes e não crentes, ricos e pobres, viam na Obra da Rua o ponto de referência certo no caminho para uma Angola mais justa, mais fraterna, onde todas as cores, todas as raças, todos os credos se encontravam.

Chegou a Independência. A Obra da Rua que antes não servira nenhuma bandeira, apenas com uma só preocupação, a do servir ao Pobre, ao Abandonado, estava, por isso mesmo, na vanguarda da libertação verdadeira. No meio das convulsões que acompanharam este passo decisivo na história do povo de Angola, a Obra da Rua, fiel a si mesma, continuava a ser o lugar de encontro, de refúgio e segurança para muitos e muitas famílias, nos momentos difíceis que então se viveram. Santuários por todos respeitados, a violência e o ódio que a gerava, paravam diante da Porta Aberta que era cada Casa do Galato. E a vida normal seguia seu caminho dentro das suas portas.

Entretanto, à medida que o tempo ia passando, núvens carregadas de incerteza quanto ao futuro da sua existência, começaram a aparecer no horizonte. Firmes no seu posto, bem apoiados na esperança e confiança daqueles a quem serviam, os responsáveis a quem a Obra da Rua confiou o encargo de guardar este tesouro, mantiveram-se até ao fim: «Nunca haveréis de acusar-nos de abandono do nosso posto de serviço» — foi dito aos detentores do poder de então.

Razões de ordem exclusivamente política, a que a Obra da Rua era alheia — como claramente foi afirmado — não permitiram que as Casas do Galato, em Angola, pudessem continuar a cumprir sua missão. A Obra viva, feita de pedras vivas — cada rapaz era uma pedra viva — desmoronou-se com a dispersão dos seus membros. Nos corações de cada um ficou gravada a passagem pelas Casas do Galato. Novo destino lhes foi dado, de acordo com a ideologia do poder. E, de momento, assim é.

Em 1968, nascia em Moçambique a primeira Casa do Galato, junto à capital, que teve a mesma sorte.

Quem escreve estas linhas,

testemunha de toda a história da Obra da Rua em Angola, continua presente, com a Obra bem cravada no seu coração, dando o que pode, consumindo a vida ao serviço do mesmo Ideal, por outros caminhos embora, em comunhão com os que mais sofrem, acudindo aonde as necessidades se fazem mais sentir, junto dos rapazes que buscam carinho e não o encontram, junto dos Pobres que não têm um tecto para se abrigar do calor tórrido ou do frio do cacimbo ou das chuvas, por vezes torrenciais.

Quero ser uma presença da Obra viva até chegar a minha hora.

Padre Manuel António

Miranda do Corvo

● Vejo na minha frente um livro chamado Isto é a Casa do Galato. Quando entro aqui nesta sala e vejo o livro, começo a meditar e a ver como Pai Américo, homem grande, um dia quis fazer-se pobre para se dar aos Pobres e ajudar aqueles que encontrava pelas ruas e via a sua miséria e doía-lhe o coração e fundou este abrigo e outros abrigos.

A nossa Casa é um abrigo de família. Somos uma família. Uma grande família. O mais velho, o Manuelzito, tem 30 anos e o mais novo, o Carlinhos, tem 2. Temos a Casa cheinha e recebemos muitos pedidos para aceitarmos meninos por não haver bons lugares para receber todas as crianças necessitadas!

● A nossa vida é uma vida de família grande. Os que estudam estão no Lar de Coimbra. Os de idade escolar estão nas nossas três Escolas e te-

mos outra sala à espera de professor.

Fora das horas de Escola todos têm que fazer. Temos a quinta (e o trabalho é todo feito por nós) que nos dá batata, hortaliça, vinho, azeite, fruta, feijão, milho e outras coisas. Temos vacas leiteiras, porcos, frangos, galinhas. Temos ruas, jardins, campos de jogos, árvores de sombra. Para nós ajudar na vida do campo temos dois tractores e um boi de trabalho.

● Para os que já não são da Escola e não estudam temos a cozinha, a padaria, a sapataria, a barbearia e a alfaiataria. Estas oficinas são só para a vida da Casa. Para serviços grandes e para fora, temos a serralharia e a carpintaria. Estas duas oficinas é que têm muitos rapazes e fazem muitos trabalhos. Têm saído destas duas oficinas muitos e bons trabalhadores.

Temos também um grupo de pequeninos que ainda não andam na Escola. Estes comem, dormem, brincam, sujam. São um encanto para a nossa vida. Todos gostamos muito deles.

António Manuel («Tonito»)

Lar de Coimbra

O nosso Lar de Coimbra (centro de promoção cultural) foi construído por nós há 12 anos, numa parcela de terreno amavelmente oferecido pela Diocese. Encontra-se situado na encosta do Cidral, com um domínio paisagístico extenso e maravilhoso. A sua construção durou vinte e três meses. Tem capacidade para 40 rapazes. Presentemente estamos 25, sendo todos estu-

dantes. Está connosco uma senhora que se deu a nós, há 34 anos.

O resultado da actividade do nosso Lar, ao longo de todos estes anos, tem sido bom. O Lar só existe para continuar a fazer dos que eram «Lixo da rua» homens de valor na sociedade, sendo por isso úteis à mesma. A maior parte dos que de cá têm saído, com um curso, são professores primários — apoio cultural e educacional à criança. Outros escolheram outros cursos e seguiram outros caminhos. É assim que funciona esta «fábrica de homens» para a sociedade (embora existindo, de quando em vez, casos em que os rapazes não se adaptam à vida académica; ou a dada altura da sua caminhada enveredam por caminhos de despersonalização e deixam-se ir no turbilhão da vida. São poucos, felizmente.

Apesar de tudo cremos que o resultado tem correspondido ao desejado, dentro das possibilidades de cada um, atendendo ao elevado número de rapazes (não deixando de haver alguns pontos negros, como em todas as coisas).

O Lar tem um magnífico salão com oratório anexo e tem servido para receber grupos de Amigos em encontros de festa ou de convívio. Também é o lugar onde muitos dos nossos Amigos, especialmente da cidade, se dirigem para entregar suas ofertas de amor, de pão, de carinho.

Carlos Ramiro («Carlitos»)

Praia de Mira

Um dos encantos da nossa vida é a casa da Praia de Mira.

inércia dos seus gestores — os gaiatos engrossam também, como é natural, o imenso caudal da Emigração, banco... da nossa miséria tradicional.

Que seria o País — dito pobre — se fizessem render, aqui, eficazmente, a sua maior riqueza, o capital humano, e outras com que Deus o dotou! Quem dera a várias nações europeias — economicamente evoluídas — poderem dispor, em suas fronteiras, das nossas condições naturais!...

Eis o «Quim do Porto» a dar notícias! Em nosso entender, a melhor legenda da bela gravura da filha que Deus lhe deu — inserida na primeira página.

Tem 8 anos e foi construída por um grupo dos nossos Rapazes. Ocupa 50 camas, entre as quais a parte reservada aos nossos casais — que nos acompanham nos banhos de sol e de mar. Fica situada pertinho do oceano, no bairro do Norte.

Quem trabalha durante o ano gosta de ter férias e, por isso, sempre a nossa Casa se enche, espalha-se como um jardim cheio de flores. Não é só para os nossos Rapazes; cedemo-la, também, a grupos de crianças pobres de outras terras; e, nos últimos dois anos, aos velhinhos do Lar de S. José da Covilhã que, com todo o seu entusiasmo, parece que são eles a gostar mais... Pois bem; que assim seja! A casa só um ano é que esteve aberta todo o ano. Habitualmente está a servir desde os primeiros dias de Junho até Outubro.

O povo da Praia de Mira tem sido nosso amigo. Quando lá estamos, os pescadores dão-nos sempre do peixe que pescam. No Inverno são os vizinhos que olham pela casa. É um servir de irmãos.

Guído

JANELA ABERTA

Cont. da 3.ª página

se conseguiram progressos nos últimos dez anos, mas que «o estado geral do ambiente não melhorou. Pelo contrário, a deteriorização prossegue de forma acelerada num grande número de regiões. A pobreza e o excesso de população são os dois factores que mais afectam o meio ambiente na Terra. A população mundial ultrapassou os 4,4 biliões em 1980, o que representa um aumento de 700 milhões».

No entanto — continua o documento — «a produção alimentar aumentou na última década, mas sem conseguir responder às necessidades inerentes ao crescimento populacional. Um total de 450 milhões de pessoas encontram-se, cronicamente, com fome ou subnutridas». Segundo calcula a UNEP, «no ano dois mil, quando a população mundial atingir os 6,3 biliões, uma produção alimentar sessenta por cento superior à actual apenas conseguirá manter os actuais padrões de consumo». E, como não poderia deixar de ser, «o mundo esfomeado continuará a morrer de fome»...

É uma radiografia que precisa ser conhecida, para termos em mente o flagelo da fome, da doença, da miséria de legiões de seres humanos; aqui ou nos antípodas.

Júlio Mendes

Correspondência de Família

Cont. da 1.ª página

Eu consegui arranjar trabalho nas Artes Gráficas, numa tipografia de termografia detentora de uma cadeia de unidades industriais, especializada em termografia, através do Canadá. Para quem nem sequer conhecia o processo, não me tenho desentrecado mal; bem pelo contrário! A qualidade é um «animal» que eles conhecem mal por estas Américas. Duma forma geral a quantidade é que conta. Mas nem sempre os clientes são norte-americanos; e, quando lhes aparece um cliente europeu com as suas exigências, quem é que sabe responder e aturar as suas necessidades e os seus direitos? Presque personne! Daí que me parece ter

ganho um lugar no meio. E aí, como é evidente, as Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, marcaram um forte ponto!

Avanço, desde já, as minhas felicitações pelo número mil de O GAIATO. A primeira estafeta está feita...

Saudades do vosso,

«Quim do Porto»

Por mais longe que andem, mais perto estão eles do coração da Obra que os fez Homens!

Pelo nosso correio, agora e logo, recebemos cartas idênticas de outros, doutros quadantes.

Na verdade, se a Pátria não oferece a seus filhos o ganhapão que merecem — depois de emancipados — por histórica



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Junho 54.024 exemplares